

EDUCAÇÃO FÍSICA E RELIGIÃO: TENSÕES ENTRE A EDUCAÇÃO PARA O LAZER E A BUSCA DO PRAZER

Recebido em: 08/10/2015

Aceito em: 02/05/2016

Ana Carolina Capellini Rigoni
Universidade Metodista de Piracicaba
Piracicaba – SP – Brasil

Jocimar Daolio
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Campinas – SP – Brasil

RESUMO: O aumento do segmento evangélico, nas últimas décadas, significa um aumento de alunos evangélicos nas escolas e, conseqüentemente, nas aulas de Educação Física. A igreja busca propositadamente restringir os comportamentos de seus fiéis, e neste processo de restrição a EF e suas práticas têm sido alvos constantes de atenção por parte de seus membros. Quando o assunto é o lazer e o tempo livre no meio evangélico, nos deparamos com algumas tensões. A noção de “prazer” e as concepções de “decência” e indecência” atribuídas ao movimento humano, por parte dos grupos religiosos, entram em tensão direta com os conteúdos da EF escolar e com a concepção de “educação para o lazer”. Buscamos, portanto, analisar como o lazer é visto pelos grupos evangélicos estudados e como a EF escolar pode ocupar um papel privilegiado no sentido de produzir questionamentos capazes de promover a reflexão crítica e a “educação para o lazer”.

PALAVRAS CHAVE: Educação Física e Treinamento. Atividades de Lazer. Religião.

PHYSICAL EDUCATION AND RELIGION: THE TENSIONS BETWEEN EDUCATION FOR LEISURE AND THE SEARCH FOR PLEASURE

ABSTRACT: The increase of evangelical segment, in the last decades, means an increase of evangelical students in schools and consequently in Physical Education lessons. The church seeks purposefully restrict the behavior of its faithful, and in this restriction process, Physical Education and its practices have been constant target of attention from a part of its members. When the subject is the leisure and free time in evangelical circle, we deal with a few tensions. The notion of “pleasure” and the concepts of “decency” and indecency attributed to human movement, on the part of religious groups who come in direct tension with the school Physical Education content and with the conception of “education for leisure”. We seek, therefore, analyze how the leisure is seen by studied evangelical groups and how the Physical Education school can have a privileged role in the sense of producing questions capable to promote critical reflection and “education for leisure”.

KEYWORDS: Physical Education and Training. Leisure Activities. Religion.

Introdução

Este artigo buscou analisar de forma mais detalhada uma das diversas categorias que constituíram uma pesquisa maior sobre corpo, movimento e Educação Física (EF), tendo como pano de fundo a influência da religiosidade dos sujeitos. Tal pesquisa foi motivada por algumas experiências pedagógicas como professora de EF de uma escola de nível Fundamental, na qual algumas meninas evangélicas, de denominações tradicionais, apresentavam resistência em participar das aulas de EF por motivos religiosos.

Ao longo das últimas décadas, percebemos um crescimento dos segmentos evangélicos no Brasil. Segundo os dados do último censo (IBGE, 2012), os evangélicos foram os que mais se expandiram no país. Nos últimos 40 anos eles passaram de 5,2 para 22,2 por cento da população. O aumento deste segmento significa um aumento de alunos evangélicos nas escolas e, conseqüentemente, nas aulas de EF. Segundo Almeida (2010), a inserção de líderes evangélicos no cenário político tem influenciado sobremaneira na regulação dos comportamentos e dos corpos. Não é novidade o fato de igrejas evangélicas, principalmente as tradicionais, direcionarem suas regras para os “usos dos corpos”¹ dos fiéis.

O universo pentecostal brasileiro, descrito, aos moldes de Paul Freston (1996), é um movimento que foi se modificando e se expandindo segundo os contextos sociais, urbanos e econômicos do país. Isto torna praticamente impossível classificar as denominações evangélicas de maneira rígida. Há, no Brasil, uma diversidade tanto no

¹ O termo “usos do corpo” é uma referência ao texto de Marcel Mauss (2003) sobre as técnicas corporais e as maneiras como os seres humanos fazem usos (no sentido simbólico) de seus corpos.

que diz respeito ao número de denominações evangélicas quanto no que se refere aos costumes encontrados num mesmo ministério e denominação. Podemos, no entanto, distinguir algumas denominações - como forma de facilitar a análise e a escrita - a partir da classificação elaborada por Freston (1996), na qual ele fala sobre três ondas pentecostais no Brasil.

A primeira, na qual se encontram as igrejas por nós estudadas, diz respeito ao pentecostalismo clássico e tem início com a implantação da Congregação Cristã, em 1910, e com a Assembleia de Deus, em 1911. A segunda, também conhecida como Pentecostalismo autônomo, tem início com as igrejas do Evangelho Quadrangular, em 1951, e com a Deus é Amor, em 1962. Por fim, a terceira onda, também conhecida como Neopentecostal, inicia-se no final da década de 1980, e seu grande destaque é a Igreja Universal do Reino de Deus – IURD, do Bispo Macedo.

Levando-se em conta esta classificação, as pesquisas desenvolvidas durante os cursos de mestrado e doutorado dizem respeito às igrejas pertencentes à primeira “onda”. Ou seja, os estudos estiveram focados no modo como meninas de igrejas evangélicas tradicionais fazem “uso de seus corpos” mediando os conhecimentos repassados na Igreja com aqueles que circulam fora dela, dentre eles aqueles produzidos nas aulas de EF na escola.

Ao usarmos, portanto, o termo “evangélicos” estamos, neste texto, fazendo menção a um grupo específico: a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã. Fazemos isto conscientes de tal diversidade, apenas como estratégia de escrita. Optamos por limitar nossas reflexões às denominações clássicas e, portanto, mais conservadoras, e que foram cuidadosamente estudadas por nós na última década.

A dissertação de mestrado constituiu-se numa etnografia realizada numa unidade da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, na cidade de Campinas – SP, e teve como objetivo compreender como se dá a educação do corpo das meninas que frequentam a igreja, como esta educação se torna observável nas ações e nos gestos das mesmas e, ainda, quais são as implicações desta educação para a Educação Física escolar². Percebemos, após um ano de participação nos cultos e nas evangelizações das crianças e adolescentes da Igreja selecionada e, ainda, a partir das conversas e entrevistas realizadas com o pastor e algumas meninas, que aqueles evangélicos estabelecem negociações e/ou acomodações entre seus costumes religiosos e suas práticas cotidianas.

A tese de doutorado, já partindo do princípio que, além da instituição religiosa, outras instituições agenciam a educação do corpo dos sujeitos que frequentam a igreja, e que esta tensão gera negociações e acomodações entre seus costumes religiosos e suas práticas cotidianas, teve como objetivo compreender como os conteúdos da Educação Física agenciam estas acomodações³. A pesquisa de campo teve duração de um ano letivo, no qual acompanhamos cinco meninas pertencentes à Congregação Cristã no Brasil (CC) ou à igreja evangélica Assembleia de Deus (AD) e que estavam cursando os anos finais do Ensino Médio numa escola pública do município de Campinas – SP. Mantivemos conversas semanais com todas elas, por meio das quais pudemos acompanhar sua participação nas aulas de EF, suas relações escolares, bem como suas atividades fora da escola, principalmente durante os finais de semana. Para completar as

² RIGONI, A. C. C. **Marcas da religião evangélica na educação do corpo feminino**: implicações para a Educação Física escolar. Dissertação (mestrado). Unicamp, Campinas, 2008.

³ RIGONI, A. C. C. **Corpos na escola**: (des)compassos entre a Educação Física e a religião. Tese (doutorado). Unicamp, Campinas, 2013.

análises realizamos, ainda, algumas entrevistas formais com cada uma das meninas estudadas.

Os estudos sobre religião apontam, de maneira geral, que aquilo que os fiéis devem ou não devem fazer com seus corpos é algo ensinado todos os dias pela instituição religiosa, mas também por outras instituições, inclusive pela escola. Os cuidados com o corpo estão presentes no leque de ensinamentos de ambas as instituições, mas os conteúdos e as finalidades são muito diferentes. A Igreja busca propositalmente restringir os comportamentos de seus fiéis e neste processo de restrição a EF e suas práticas têm sido alvos constantes de atenção por parte de seus membros (RIGONI, 2013). Não são poucos os casos de pais e pastores que proíbem as crianças e adolescentes de participarem das aulas de EF e de qualquer outra atividade que tenha como princípio o movimento e as práticas corporais sem fins religiosos.

As igrejas em questão mantêm tão rígidos seus “usos e costumes” (termo nativo) que podemos notar uma menina/mulher destas denominações religiosas observando apenas a sua aparência (vestimenta, cabelos, a ausência de adornos etc.). Durante as aulas de EF, o uso da saia por parte de algumas meninas dificultou ou impossibilitou sua participação nas atividades propostas. Ao longo da estadia no campo presenciamos diversas situações que foram geradas por motivos religiosos: alunos que saíam das aulas de Biologia quando o tema era o evolucionismo; outros que ficavam na sala quando, no pátio da escola, havia alguma comemoração relacionada à cultura africana, às festas juninas etc.; alguns que foram impedidos pelos pais de participarem de uma aula sobre sexualidade e outros tantos casos. Estes exemplos ilustram bem a tensão provocada pelos conhecimentos religiosos quando estes vão de encontro aos conhecimentos produzidos na escola.

Há uma diferenciação muito clara, para os membros das igrejas estudadas, entre “as coisas de Deus” e as “coisas do mundo”. Um bom exemplo para ilustrar esta diferença diz respeito à noção de beleza. As meninas estudadas aprenderam que a verdadeira beleza é aquela dada por Deus. Qualquer intervenção que tenha como finalidade a vaidade, como a maquiagem, as cirurgias plásticas, as academias de ginástica, etc., são tidas como coisas “mundanas”. Notamos, no entanto, que isto não as impedia de, em vários momentos, fazerem uso de uma ou outra prática citada. Elas encontravam lacunas que as permitiam circular pelas “coisas do mundo” sem que isto interferisse de maneira drástica em sua relação com a Igreja. A lacuna encontrada para frequentar a academia de ginástica, por exemplo, se dava através do discurso da saúde. Era permitido aos fiéis frequentar a academia quando o objetivo era a saúde e/ou havia recomendação médica. As meninas, portanto, sabiam que para obter a permissão precisavam se apropriar deste discurso. Outro exemplo desta forma de acomodação das “coisas de Deus” e das “coisas do mundo” pode ser percebido no diálogo entre duas meninas estudadas:

Menina1: Nem tudo que é do mundo é ruim!

Menina 2: Ah, você sabe que é. A gente não resiste, mas sabe que é ruim!

Durante esta conversa elas compreendem e assumem que, mesmo sabendo o que “é permitido” e o que não é, existem momentos nos quais elas extrapolam as regras da Igreja. Essa compreensão, no entanto, é elaborada a partir de permanentes disputas, nas quais, para o sujeito religioso, a Igreja será sempre a instituição mediadora. No entanto, e este é o ponto que nos interessa, dentre estas disputas aparecem tempos e espaços, promovidos por outras instituições, que permitem outras compreensões e são capazes de gerar outro tipo de reflexão e de ação. Uma das meninas estudadas, ao ser questionada se sempre cumpria tudo que aprendia na Igreja, deu a seguinte resposta:

Ah, eu acho, assim, que a gente tem que fazer as coisas para a gente se sentir bem. Eu sei que a igreja não aconselha a gente a se maquiar para não ficar se expondo para o outro. Mas, tipo, eu, eu me maquio para mim e não para o outro. Eu também não vou ficar deixando de me sentir melhor, mais bonita sempre, só porque os mais velhos da igreja acham que não deve. Eu não me sinto desagradando a Deus.

Notamos, ao longo da pesquisa de doutorado, que esta forma de adaptar e acomodar estes conhecimentos em sua vida cotidiana com tal “jogo de cintura” é fundamental para que estas meninas consigam “levar a vida”. Notamos que elas vão criando brechas que as permitem circular entre um tipo de conhecimento e outro sem grandes transtornos. Isto, no entanto, gera um tipo de descompasso entre aquilo que “pregam” e aquilo que, de fato, fazem. Esta tensão, produzida entre a instituição escola e a instituição igreja, nem sempre é resolvida de forma simples. Ela gera [uma] resistência por parte de alunos evangélicos, principalmente no que diz respeito às práticas corporais, que são, geralmente, desaconselhadas pela igreja.

Se, por um lado, isto pode ser considerado um problema, pois os professores de EF enfrentam dificuldades ao tentarem envolver alunos evangélicos em suas aulas, por outro lado isto pode demonstrar o importante papel da escola como instituição formadora.

Entendemos o papel formador da escola num sentido amplo, como aquele defendido por Paulo Freire (2011), em *Pedagogia da Autonomia*, bem como em outros trabalhos. Do mesmo modo alguns autores da área têm defendido, há décadas, a ideia da aula de EF como tempo e espaço de construção da autonomia e da reflexão crítica, como é o caso das abordagens Crítico-Superadora (COLETIVO DE AUTORES, 1992) e Crítico-Emancipatória (KUNZ, 2003).

Partimos do princípio de que uma boa aula de EF na escola seja capaz de preparar os alunos para a vida depois da escola. Dentre as tantas questões a serem

trabalhadas pela disciplina ao longo dos anos escolares, o lazer é, sem dúvida, umas das mais importantes. Os alunos deveriam sair da escola conscientes de seu lugar no mundo e, fundamentalmente, conscientes de seus direitos como cidadãos do mundo.

Ocorre que, quando o assunto é o lazer e o tempo livre no meio evangélico, nos deparamos com algumas tensões. Dentre elas as mais marcantes dizem respeito à noção de “prazer” (considerado profano) e às concepções de “decência” e indecência” atribuídas ao movimento, às quais estão pautadas as meninas evangélicas por nós estudadas. Tais noções entram em tensão direta com os conteúdos da EF escolar e com uma educação para o lazer⁴.

Neste sentido, o objetivo deste artigo, além de apresentar este cenário – como fizemos ao longo desta introdução – foi revisitar alguns dados da pesquisa citada, que dizem respeito a esta tensão, mas que, na época, não tiveram o lazer como preocupação central da análise, e produzir uma reflexão em torno dela. Buscamos analisar como o lazer é visto pelos grupos evangélicos estudados e como a EF escolar pode ocupar um papel privilegiado no sentido de produzir questionamentos capazes de promover a reflexão crítica e a “educação para o lazer”.

Lazer e Prazer

Chamou-nos a atenção um alerta feito por um dos pastores da Assembleia de Deus, durante a pesquisa citada, sobre a importância da decência e, mais especificamente, sobre a importância de se movimentar de forma “decente”. Para aquele pastor e seu grupo, bem como para vários outros segmentos evangélicos no Brasil,

⁴ O termo “educação para o lazer” faz alusão ao conceito desenvolvido por Marcellino (2010) no qual o autor fala sobre o duplo processo educativo do lazer. Para ele o lazer é concebido como veículo e como objeto de educação. Segundo Marcellino (2010), é preciso uma ação educativa consciente e à escola cabe dar cunho sistemático ao lazer, visando práticas que poderão prosseguir vida afora.

existem algumas formas decentes de utilizar o corpo e de se movimentar e outras que, ao contrário, denotam a “indecência”, não só do corpo, mas do caráter e do espírito.

Dentre os depoimentos dados pelas meninas estudadas, inúmeros são aqueles que deixam claro o caráter “profano” do lazer e das práticas corporais vivenciadas tanto na escola quanto no uso do tempo livre.

Ao falarmos nesta tensão é preciso levar em conta que estamos falando sobre instituições que visam a ensinar modos de cuidar de si mesmo. Os “cuidados de si” (termo caro a Michel Foucault) são influenciados o tempo todo pelas diversas instituições que permeiam a vida cotidiana. O que parece, e isto já foi colocado por inúmeros pesquisadores, é que os cuidados de si nunca estão sob escolha própria, uma vez que são cotidianamente disputados pelas diversas instituições. No caso deste artigo, estamos tratando de duas instituições que buscam educar os modos de cuidar do corpo e disputam, mesmo que não intencionalmente, conhecimentos e “verdades” entre si. É como se as meninas em questão não pudessem se sentir à vontade com o próprio corpo, devendo sempre estar pautadas em prescrições externas.

Quando a referência é a EF, ou melhor, aquilo que muitas vezes ela representa no imaginário dos alunos⁵, estas meninas entendem que devem possuir um corpo aceitável diante dos padrões impostos, serem magras, ágeis, bonitas etc. Quando a referência é a igreja, não são estes valores que estão em jogo, mas outro tipo de valor que visa a não profanar o corpo.

De acordo com a visão que as meninas possuem a respeito do que é e para que serve a disciplina de EF ao longo da pesquisa, o que ficou evidente foi uma espécie de

⁵ É importante frisar que ao longo de toda a pesquisa trabalhamos com a visão que as meninas possuíam sobre o que é a EF e quais são seus objetivos. Em nenhum momento tentamos atribuir outro sentido ou explicar o que é a EF do nosso ponto de vista. Neste sentido as análises foram todas elaboradas a partir das referências fornecidas pelas “nativas” e não a partir da visão acadêmica/científica.

oposição entre os conhecimentos que pertencem à ordem escolar e os que pertencem à ordem religiosa. É como se, na visão destas alunas, tivéssemos de um lado uma instituição disciplinarizadora (via EF), que espera determinados comportamentos dos alunos através da prática pedagógica de conteúdos específicos e, de outro lado, outra instituição disciplinarizadora (via Igreja) que também espera certos comportamentos através da aplicação de seus conteúdos religiosos.

Neste sentido, a EF – por meio dos esportes, das danças, das lutas, dos jogos e das ginásticas⁶ - teria como objetivo proporcionar o maior número de experiências possíveis das/nas práticas corporais, bem como contribuir com o aprendizado das formas de cuidados corporais, a partir das noções de saúde, beleza e qualidade de vida. As meninas ainda veiculam os objetivos da aula de EF a um tipo de necessidade física de manter-se jovem, saudável, ágil e bonita.

A religião, por sua vez, também adota certos conteúdos e ensinamentos que, na fala das meninas, aparecem por meio de noções como “o corpo como sede do Espírito Santo”, cuidados com o corpo, “práticas desejáveis” (permitidas) e “práticas mundanas” (desaconselháveis). Estes termos, longe de serem apenas “deduzidos” a partir de suas falas e por nós ressignificados, são expressões correntemente utilizadas por elas. Além disso, é preciso levar em conta que estes conteúdos e ensinamentos promovidos tanto pela EF quanto pela Igreja foram frequentemente comparados pelas meninas ao tentarem elaborar uma explicação sobre os motivos que geram a tensão entre ambas as instituições.

Se, para elas, o objetivo da EF está relacionado a aspectos físicos e estéticos, o objetivo da evangelização é repassar valores morais e religiosos, os quais, uma vez

⁶ As meninas sempre demonstraram achar que o esporte é o “carro-chefe” da disciplina.

apropriados pelas meninas, são capazes de gerar os comportamentos esperados pelos familiares e membros mais velhos da Igreja. Nestes comportamentos incluem-se o conhecimento sobre como se portar adequadamente nos lugares públicos, saber fazer “uso do corpo” de acordo com as normas da Igreja e evitar práticas que possam comprometê-las diante de Deus e dos outros fiéis.

Portanto, os cuidados com o corpo estão presentes no leque de ensinamentos de ambas as instituições, mas os conteúdos e as finalidades são muito diferentes em cada um deles. Ao tentarem explicar o porquê da tensão existente entre a Igreja e a EF, as meninas elaboram um argumento interessante: a “implicância” da Igreja com a EF acaba sendo justificada pela ideia de que, enquanto a igreja parece limitar as experiências corporais, a EF tem como objetivo ampliá-las. No entanto, ao se depararem com estas questões, as meninas se posicionaram criticamente em relação aos ensinamentos da igreja em diversas situações. Citamos duas falas, que foram registradas ainda durante a pesquisa de mestrado, e que demonstram a sua insatisfação com as moralidades religiosas:

Não adianta minha mãe dizer que isso é pecado, eu gosto de dançar. Quer dizer então que Deus acha pecado as pessoas se divertirem? (RIGONI, 2008).

Eles me disserem que ser virgem é importante é uma coisa, agora eles quererem dizer que eu não posso jogar futebol, por exemplo, é outra coisa (RIGONI, 2008).

Ao elaborarem exemplos como estes, as meninas relacionam as práticas corporais presentes na EF com a sensação de prazer. Se na igreja elas aprendem que devem evitar o “prazer da carne”, na EF elas entendem que as sensações físicas estão diretamente relacionadas aos conteúdos e objetivos. O próprio fato de atribuírem à EF a tarefa de ensinar os cuidados com o corpo as torna alvos de crítica por parte da igreja. A sensação de prazer por estar “bonita” e ter alcançado um corpo nos padrões impostos

pela sociedade, por exemplo, é movido pela vaidade, sentimento este desaconselhado pela igreja.

Talvez a parte mais inquietante desta elaboração diga respeito justamente à noção de “prazer”. Seria ingenuidade afirmar que os evangélicos são contra o sentimento de prazer. A diferença está na forma como eles operam com esta sensação e suas finalidades. Talvez as diferenças sequer fossem observáveis se estivéssemos tratando de evangélicos pertencentes a ramos neopentecostais, por exemplo. Mas no caso da Assembleia de Deus e da Congregação Cristã, o prazer guarda diferenças conceituais quando comparado à EF.

No âmbito da EF, se pensarmos, por exemplo, na importância de uma “educação para o Lazer (MARCELLINO, 2010), veremos que a dimensão do prazer é intrínseca a ela. É consenso entre alguns teóricos da EF e do Lazer que para uma pessoa poder escolher determinada prática esportiva como atividade de lazer cotidiana é preciso que ela já tenha experimentado/vivenciado tal atividade. Mais do que isso, é preciso que ela tenha gostado de tal prática quando a vivenciou. Neste sentido, uma pessoa precisa estabelecer uma relação afetiva com aquela prática para adotá-la como prática de lazer. Uma relação de prazer com o movimento experimentado é minimamente necessária para que esta escolha seja feita. Neste caso, se as práticas corporais que fazem parte do escopo da EF são vistas como práticas mundanas pelos sujeitos estudados e seus afins, elas certamente não serão escolhidas por eles como prática de lazer no tempo livre.

Em alguns relatos que analisamos, os pastores deixaram bem clara a sua opinião sobre os jogos e as práticas esportivas. Para eles, tais práticas colocam o corpo, principalmente o da mulher, em visibilidade. Esta exposição exacerbada do corpo, segundo eles, “provoca o olhar” do outro e leva ao pecado. Há, ainda, a questão do

contato corporal gerado pelo esporte que, segundo uma das evangelizadoras, faz dele uma prática vulgar. Neste sentido, é fácil compreender o quanto as práticas corporais, o lazer e o uso do tempo livre são temas delicados, na medida em que, para os alunos evangélicos, o que se busca é justamente a negação deste prazer gerado por práticas “mundanas”.

Gutierrez (2001) escreve sobre a noção de prazer para desenvolver suas análises a respeito do lazer, tema caro à EF brasileira. O autor comenta que há uma tensão permanente entre prazer e lazer. Ao tentar recuperar a noção de lazer que considera mais apropriada, o autor cita diversas características que podem definir uma atividade neste âmbito. Citamos três definições de lazer utilizadas por Gutierrez e que parecem elucidar não só o que ele comenta sobre a tensão entre prazer e lazer como a tensão percebida empiricamente entre as atividades de lazer e os pressupostos religiosos.

Gutierrez (2001) destaca primeiramente que o lazer deve distinguir-se por ser uma atividade não lucrativa, além disso ele não deve visar a nenhuma utilidade prática imediata. Essa questão nos parece importante na medida em que os evangélicos por nós estudados se preocupam com a utilidade que se dá ao corpo e ao tempo. Se uma prática não é útil no sentido de servir a Deus, então ela pode ser dispensada. Sendo o corpo o templo do espírito, somente atividades dedicadas aos fins espirituais são, de fato, necessárias de serem realizadas. O simples fato de uma atividade não ser considerada útil a partir destes pressupostos já a torna “mundana”.

A segunda característica destacada por Gutierrez (2001) é que aquilo que deve definir uma atividade de lazer é o hedonismo, ou seja, a atividade praticada deve ter como principal fim a busca de prazer ou de alguma forma de satisfação dos sentidos. Mais uma vez nos parece fácil entender porque as meninas demonstraram compreender

o caráter negativo do lazer atribuído pelos membros mais velhos da igreja, que defendem justamente a negação das satisfações pessoais luxuriosas e passageiras. É importante lembrar que o fato delas aprenderem tais lições não as impede de querer vivenciar tais práticas, inclusive enxergando-as com “normalidade”. Como já constatamos em estudos anteriores, há uma distância, um descompasso, entre ensinamento institucional e prática cotidiana do fiel (RIGONI; DAOLIO, 2014). Este descompasso já foi tratado, no âmbito da Antropologia, por autores estrangeiros como Hervieu-Leger (1999) e Gasbarro (2006), bem como, no contexto nacional, por Almeida (2010).

A terceira característica citada por Gutierrez (2001) diz respeito ao fato de o lazer ser essencialmente uma opção íntima, individual, regida pela liberdade. “Constitui um espaço da vida em que a personalidade de cada um (considerada aqui no sentido mais amplo, complexo e multifacetado possível) manifesta-se com maior autonomia do que em qualquer outro espaço da vida em sociedade” (GUTIERREZ, 2001, p.9). Ora, estamos falando sobre meninas que aprenderam os “usos e costumes” postulados na e pela Igreja como delimitadores da autonomia. No limite, a liberdade que elas possuem está pautada por estas demarcações. Há uma liberdade condicionada àquilo que é permitido. Se o próprio autor, preocupado com a questão do lazer, alerta que é preciso estar atento à relatividade desta autonomia individual e da possibilidade de liberdade, quando pensados num sentido social amplo, alegando que elas são cheias de fronteiras que delimitam a vivência plena destas condições, desdobrá-las do lazer para a instituição religiosa requer uma relativização ainda maior. Neste caso, o entendimento de liberdade e autonomia encontra-se relativamente distante daquele empregado pelos que defendem o caráter libertário do lazer.

Ao trazer para o debate as questões de autonomia e liberdade como direitos conquistados, mas ainda distantes da realidade, pois são limitados por imposições de ordem social e histórica, o autor comenta sobre a constante ameaça que o lazer sofre na sociedade contemporânea. Destacando que o lazer é, ou deveria ser uma prática não obrigatória de busca de prazer pessoal no tempo livre, ele faz uma alerta em relação ao “prazer ameaçado”.

É preciso destacar, principalmente em se tratando de atividades de lazer, que há grande diferença entre sentir prazer e buscar prazer ou, nas palavras do Gutierrez (2001, p.13): “[...] o lazer não pressupõe necessariamente a consumação do prazer. Seu compromisso é com a busca do prazer, com a luta por uma sensação de prazer que pode, ou não, vir a ocorrer”. Para o autor,

Não existe lazer sem a expectativa de realizar alguma forma de prazer. Isto é justamente o que lhe confere especificidade e o distingue de outras atividades sociais. Poderíamos até mesmo dizer que não há felicidade sem prazer e que talvez não haja, sequer, humanidade sem prazer (GUTIERREZ, 2001, p.13).

Baseado nas análises de Freud, o autor entende que o prazer está intimamente relacionado à realização egoísta e pessoal. Ele afirma que talvez sequer haja humanidade sem prazer. Este prazer, no entanto, não é vivenciado e sentido do mesmo modo pelos evangélicos. Em diversas ocasiões as meninas estudadas repetiram a sentença de que se uma prática só serve para agradar aos próprios impulsos ela certamente não agradará a Deus. Citemos, ainda, as palavras do pastor da AD, durante um culto, no qual ele aconselhava os fiéis a se esforçarem para estar o tempo todo mais próximo de Deus do que dos homens. Pela lógica evangélica por nós estudada, se o prazer nos humaniza a sua negação nos “diviniza”.

Talvez este exemplo complemente os fatores, citados por Gutierrez, que ameaçam o prazer e, conseqüentemente, o lazer. Falando sobre tais ameaças, que podem condenar o homem à não realização do prazer, ele afirma que o impedimento pode vir do conjunto das relações sociais em que o sujeito está inserido ou, ainda, da leitura subjetiva de algum aspecto que pode não corresponder às condições da realidade concreta.

Neste caso podemos considerar a religião (algumas delas pelo menos) como uma das ameaças. Principalmente ao considerarmos que:

O homem e o seu meio constituem, então, uma relação tensa e contraditória, na qual a realização do princípio do prazer termina subordinada às exigências da convivência em comunidade como alternativa inevitável para a sobrevivência (GUTIERREZ, 2001, p.19).

Neste caso, para a sobrevivência no meio religioso é preciso se adequar a determinadas regras que tendem a negar, em alguma dimensão, o sentimento de prazer.

O autor, de alguma forma, relaciona em sua discussão sobre o lazer uma noção de prazer mais ampla. Ele enfatiza que a sensação de prazer não está vinculada unicamente a aspectos fisiológicos e sensações orgânicas. Para além, ele se refere ao prazer como a percepção estética e o cuidado com o próprio corpo. Ao fazer tal afirmação ele relaciona estes fatores com a questão do prazer sexual. Não se trata de um prazer focado no ato de uma relação sexual e finalizado com um orgasmo, mas de uma representação da sexualidade e da erotização que, na sociedade atual, requer certos estereótipos corporais e determinadas performances físicas. Neste caso, sentir-se bonito, magro, forte etc. pode ser uma fonte de prazer. Mais do que isto, sentir que estes

atributos atraem o olhar e o desejo do outro não só pode gerar prazer como pode ter uma conotação sexual.

Não parece mera coincidência o fato de que as meninas estudadas, em diversas falas, relacionem a EF com termos como “estar bonita”, “atrair olhares” e “despertar desejos”. Ora, o senso comum nos ensina que EF é, essencialmente, praticar atividade física e esta, por sua vez, está a serviço dos padrões corporais da sociedade.

É impossível pensar numa sociedade em que determinados padrões induzam à sensação de prazer, sem reconhecer que características contrárias a estes padrões produzam a frustração, o desânimo e outras sensações opostas ao prazer. Gutierrez (Idem) nos alerta que são justamente estes padrões que criam mecanismos de repressão poderosos que atuam sobre o indivíduo, que deseja e busca um corpo que se encaixe em tal modelo.

O exemplo acima diz respeito à repressão do prazer num sentido mais estético e erotizado, mas é preciso citar, e isto retoma a discussão do prazer no âmbito do lazer, que há outra forma de repressão. Trata-se, segundo Gutierrez, da repressão moral.

[...] de inspiração puritana, com seus mecanismos introjetados de culpa e autopunição, produzidos e vendidos por pessoas que alegam ter contatos privilegiados com o sobrenatural (GUTIERREZ, 2001, p.98).

Isto significa, de acordo com o autor, que o acesso às práticas de lazer não é limitado apenas pelo poder econômico de cada um, mas que existem mecanismos de controle com tanto ou mais poder e eficiência do que o dinheiro. Estes mecanismos não controlam o sujeito apenas pelas questões materiais, mas o impedem de participar de determinada prática por meio da internalização de valores que limitam e organizam a decisão deste sujeito. Segundo o autor, estes “aparelhos ideológicos”, que atravessam as

diferentes classes sociais, não dependendo diretamente do Estado, são formados pela família, pela religião e até mesmo pela escola.

Uma Educação para o Lazer e a Ressignificação do “Movimentar-se com Decência”

Se existe, nas atividades de lazer, um potencial emancipador que permita concretizar melhores condições individuais e coletivas de vida, isto só parece possível numa perspectiva que integre a dimensão pessoal com uma prática política consciente e ética. Trata-se de refletir sobre um lazer cotidiano que se mova criticamente tanto com relação às formas objetivadas pela lei do mercado, ou de um mercado entendido como sistema dirigido pelo meio moeda, como com relação às repressões introjetadas pela veiculação de falsos valores construídos socialmente (GUTIERREZ, 2001, p.100).

Vimos ao longo da pesquisa inúmeras limitações impostas às práticas corporais das meninas pesquisadas. A negação de certas práticas pelos membros da igreja ilustra restrições que se fazem presentes na vida privada de seus membros, mas também nas relações escolares. Professores de EF se deparam com reações adversas de alguns alunos frente ao conhecimento que tentam repassar via conteúdo da disciplina. Como alerta Gutierrez (2001, p.101), este tipo de reação “[...] restringe o conhecimento do próprio corpo e da relação com o prazer, acarretando consequências significativas para a saúde psíquica e para a atuação política do coletivo”.

As análises a respeito dos deveres da escola e principalmente da EF no que se refere à problemática do lazer poderiam se estender largamente em torno de tal argumento. Neste artigo, o exemplo ilustra os problemas e possibilidades de um tema que é, ou deveria ser, trabalhado pela EF escolar quando se trata da tensão entre o conhecimento produzido na área e o conhecimento produzido no meio religioso.

Entendemos que uma aula de EF, na qual o professor esteja atento às diferenças de valores que as diversas práticas possuem para seus alunos, deve possibilitar a cada um a reflexão a respeito dos múltiplos argumentos existentes sobre o tema em questão. Ou seja, a aula deveria ser o espaço no qual os alunos podem contrapor aquilo que aprenderam, seja no âmbito religioso ou em outro qualquer, com um tipo de conhecimento próprio da escola e do racionalismo científico. Ainda em relação ao exemplo citado, esta aula tenderia a viabilizar uma reflexão crítica em relação ao prazer diante de certas práticas corporais.

Voltando ao exemplo sobre o sentimento de prazer, é interessante pensarmos que ele remete também a noção de desejo (que normalmente o antecede). Não é novidade dizer que o desejo sempre foi alvo de atenção da instituição religiosa. Para Foucault (2001), a vigilância de si e a decifração dos desejos são prescrições cristãs antigas. As prescrições cristãs muito diferem dos cuidados de si regidos por instituições como a mídia, a medicina e a própria EF, no entanto, mesmo que de maneiras diferenciadas, em todas elas o que está em jogo no que se refere ao corpo é a importância de conter a carne, educá-la, manipulá-la com fins específicos. E neste jogo a culpa é sempre um instrumento eficaz utilizado pelas instituições agenciadoras do corpo para que os sujeitos alcancem os fins prescritos.

Se para as igrejas a culpa está associada ao pecado, aos desejos da carne e à tentação, para a EF ela pode tanto vir associada ao pavor de estar feia, gorda, fora dos padrões, quanto ao descontentamento por não possuir o controle absoluto do próprio corpo, sendo impedido, por exemplo, de alcançar as *performances* adequadas para se tornar um atleta de alto nível.

Não estamos afirmando que os objetivos da EF sejam estes, mas, como afirmam Gonçalves e Azevedo (2007), os valores repassados por ela têm gerado consequências como o apelo e idolatria à imagem narcisista do corpo, que se traduz social e culturalmente nas instituições e nos discursos que nelas são produzidos. Para os mesmos autores, “[...] a escola, enquanto instituição social, não está imune a tais concepções, incorporando práticas que suscitam a crítica com fundo ideológico” (Idem, s.p). Essas concepções, segundo os autores, não vêm sendo eficazes no que diz respeito a apontar novos caminhos de resignificação do corpo nos espaços sociais.

Tendo em vista estas elaborações a respeito das tensões entre EF e religião, e ainda entendendo que tanto a EF como as Igrejas influenciam os “cuidados de si”, cada qual a seu modo, apresentamos um Quadro⁷ explicativo sobre a hipótese que viemos argumentando desde o início do texto e que se configura a partir de algumas ideias a respeito do conhecimento manipulado pelas duas esferas. É preciso frisar que a parte do quadro que diz respeito aos conteúdos e objetivos de cada instituição foi construída a partir de uma visão de EF, e de igreja elaborada pelas próprias meninas ao longo da pesquisa. Ainda que tenhamos adequado algumas informações à outra forma de linguagem, tentamos operar com as noções demonstradas por elas durante as conversas e depoimentos.

Quadro 1

CORPO NA EDUCAÇÃO FÍSICA		CORPO NO ÂMBITO RELIGIOSO	
Objetivos de aprendizagem ⁸	Comportamentos esperados ⁹	Objetivos de aprendizagem	Comportamentos esperados

⁷ Este quadro, aqui colocado como tentativa de facilitar a visualização do argumento, não serve para esclarecer a relação entre a EF e todas as Igrejas evangélicas que compõem o cenário religioso brasileiro atual. Não que ele seja inválido para pensar outras denominações religiosas, mas, estando pautado em dados empíricos, torna-se mais seguro elaborar pequenas afirmações apenas no que se refere às Igrejas pesquisadas.

⁸ Chamo aqui de “objetivos de aprendizagem” aquilo que a EF trata como “conteúdos” numa tentativa de manter a análise no plano de compreensão das meninas estudadas.

<ul style="list-style-type: none"> - Esporte (futebol, voleibol, basquetebol, handebol) - Jogos (diversos) - Lutas (dentre elas a capoeira, vista pelos evangélicos como uma prática que envolve espíritos demoníacos) - Danças (diversas) - Ginásticas 	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer os conteúdos, bem como vivenciar o maior número de práticas. - Compreender os modos de cuidar do corpo, noções de saúde, de qualidade de vida, de beleza, de estética. - Manter-se motivado para praticar atividade física com vistas a permanecer jovem, forte, ágil, bonito etc. 	<ul style="list-style-type: none"> - O corpo como sede do Espírito Santo - Cuidados com o corpo - Negação da vaidade - “Práticas “mundanas” (o que ou quais são) - Práticas desejáveis e práticas desaconselháveis 	<ul style="list-style-type: none"> - Entender o que é o corpo na visão religiosa. - Saber quais são as práticas “permitidas” ou não segundo as regras da Igreja - Saber como se comportar adequadamente em locais públicos e em casa.
<ul style="list-style-type: none"> - amplia-se uma forma de experiência corporal - práticas relacionadas ao prazer e às sensações físicas 		<ul style="list-style-type: none"> - limita-se uma forma de experiência corporal - aponta para um sentido de negação dos prazeres da carne 	

Obviamente os desdobramentos, se levados “ao pé da letra”, não se dão de forma tão direta e simplificada como apresentamos. No entanto, numa tentativa de facilitar a visualização do cenário que estamos tratando, reduzimos as complexidades e criamos uma oposição entre os pressupostos como forma de facilitar a elaboração e compreensão do argumento. Fica claro o fato de que estas oposições, ou polarizações, não se dão de forma total ou irrestrita como a aqui esboçada. Aliás, a adaptação e/ou acomodação que por vezes ocorre entre uma e outra só é possível justamente porque a oposição não é absoluta. Não se trata de a EF estar sempre contra a Igreja e vice-versa. Elas não estão sempre em oposição como se fossem disputas criadas e mantidas propositadamente por ambas as instituições. A negociação não ocorre sempre entre dois opostos, mas colocá-los em polos opostos foi necessário para elaborar as categorias de análise. Mais uma ressalva é necessária: ainda que as características da segunda coluna do quadro digam

⁹ Quero deixar claro que, independente desta ser a opinião das meninas estudadas, as informações do quadro, principalmente esta, a respeito dos tipos de conhecimento trabalhados nas aulas, são “lugar comum” na área e, de maneira geral, perpassam a prática cotidiana nas escolas e cursos de formação. O que parece acontecer é uma incorporação, via senso comum, dos elementos externos à escola. Além disso, a discussão aqui envolve mais a forma como se tratam estes temas e questões do que os conteúdos e objetivos de conhecimento que a área deve propiciar.

respeito a pressupostos relatados pelas próprias meninas, a visão sobre “limitação”, “ampliação” e “experiência” é, possivelmente, diferente do ponto de vista dos religiosos, em geral.

Por fim, apesar de estarmos falando de duas instituições que visam a gerir os “cuidados de si” e apesar de inúmeros pesquisadores defenderem a ideia de que os seres humanos são sujeitos regidos constantemente pela sociedade, tornando a ideia de liberdade algo utópico, não podemos deixar de olhar para os comportamentos das meninas estudadas sem atentar para o seu protagonismo. Ainda que seus comportamentos sejam regidos e disputados pelas diversas instituições, elas exercem um poder de decisão, equilibrando, adaptando e acomodando as regras e ensinamentos de cada instituição a seu modo.

Reflexões Finais

Partimos do princípio de que uma aula de EF deve possibilitar aos alunos a vivência das atividades, bem como a sua reflexão crítica. Esta aula seria capaz de possibilitar ao aluno a mediação entre os ensinamentos sobre os “usos do corpo” repassados pela igreja e aqueles presentes em outras esferas sociais, ampliando sobremaneira as possibilidades de inserção nas práticas corporais.

O pressuposto é de que a aula de EF na escola, quando permeada por experiências que envolvam as dimensões afetivas e críticas, possa mobilizar os sujeitos para as práticas esportivas e de lazer em locais e tempos extraescolares. Semelhante à preocupação de Vago (2009), quando este se questiona sobre o que resta da escola depois da escola e, mais especificamente, sobre o que resta da EF depois da EF na escola, é a nossa inquietação em relação às maneiras como a EF vem “educando para o

lazer” e para as práticas corporais e esportivas na vida adulta. Levando-se em conta o contexto religioso específico, já citado, é fundamental que a EF na escola seja capaz de proporcionar a experiência (prática) e a reflexão crítica necessárias para que o aluno possa tomar decisões em relação ao “uso de seu corpo”, mediando os ensinamentos da Igreja e os conhecimentos compartilhados na e pela escola, tornando-se, desta forma, mais autônomo em relação à construção de sua própria trajetória corporal.

A questão que permanece, considerando que as igrejas tratadas neste estudo têm veiculado o corpo como objeto e a serviço de regras institucionais, é a seguinte: será que a EF tem oferecido possibilidades de reflexão e de ressignificação do corpo a partir dos conhecimentos produzidos e experimentados na escola? A EF tem se diferenciado, em termos de reflexão, daquilo que a igreja faz? Se ela é uma instituição capaz de gerar tensões entre seus conteúdos e os conhecimentos produzidos na igreja, como ela tem utilizado essa tensão? Ainda que não tenhamos a pretensão de responder a todas estas questões, acreditamos que elas são fundamentais para a reflexão dos professores da área.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. Religião em transição. In: **Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Antropologia**. São Paulo: ANPOCS, 2010. p.367-405.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FRESTON, P. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

GASBARRO, N. Missões: a civilização cristã em ação. In: MONTERO, Paula (Org.). **Deus na aldeia** – missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: Editora Globo, 2006.

GONÇALVES, A. S. & AZEVEDO, A. A. A re-significação do corpo pela educação física escolar face ao estereótipo construído na contemporaneidade. **Pensar a Prática**, v.10, n.2, 2007. p. 15-31

GUTIERREZ, G. L. **Lazer e prazer**: questões metodológicas e alternativas políticas. Campinas: Autores Associados, 2001.

HERVIEU-LÉGER, D. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Lisboa: Editora Gradiva, 1999.

IBGE. **Censo demográfico 2010**. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. BRASIL: IBGE, 2012.

KUNZ, E. **Didática da educação física**. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. 15. ed. Campinas: Papirus, 2010.

RIGONI, A. C. C.; DAOLIO, J. Corpos na escola: reflexões sobre educação física e religião. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 875-894, jul/set. de 2014.

VAGO, T. M. Pensar a educação física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, p. 25-42, 2009.

Endereço dos Autores:

Ana Carolina Capellini Rigoni
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano - PPG-CMH
Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP
Rodovia do Açúcar, 7000, Km 156 – Taquaral
Piracicaba – SP – 13423-170
Endereço Eletrônico: anacarolinarigoni@yahoo.com.br

Jocimar Daolio
Departamento de Educação Física e Humanidades - DEFH
Faculdade de Educação Física - FEF
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
Rua Érico Veríssimo, 701 – Cidade Universitária
Campinas – SP – 13.083-851
Endereço Eletrônico: jocimar.daolio@gmail.com